

INSTITUTO
 Documentação
 SOCIOAMBIENTAL
 Fonte: *Época*
 Data: *24/12/2001* Pg. *52-54*
 Class.: *171 X 351*

SOCIEDADE



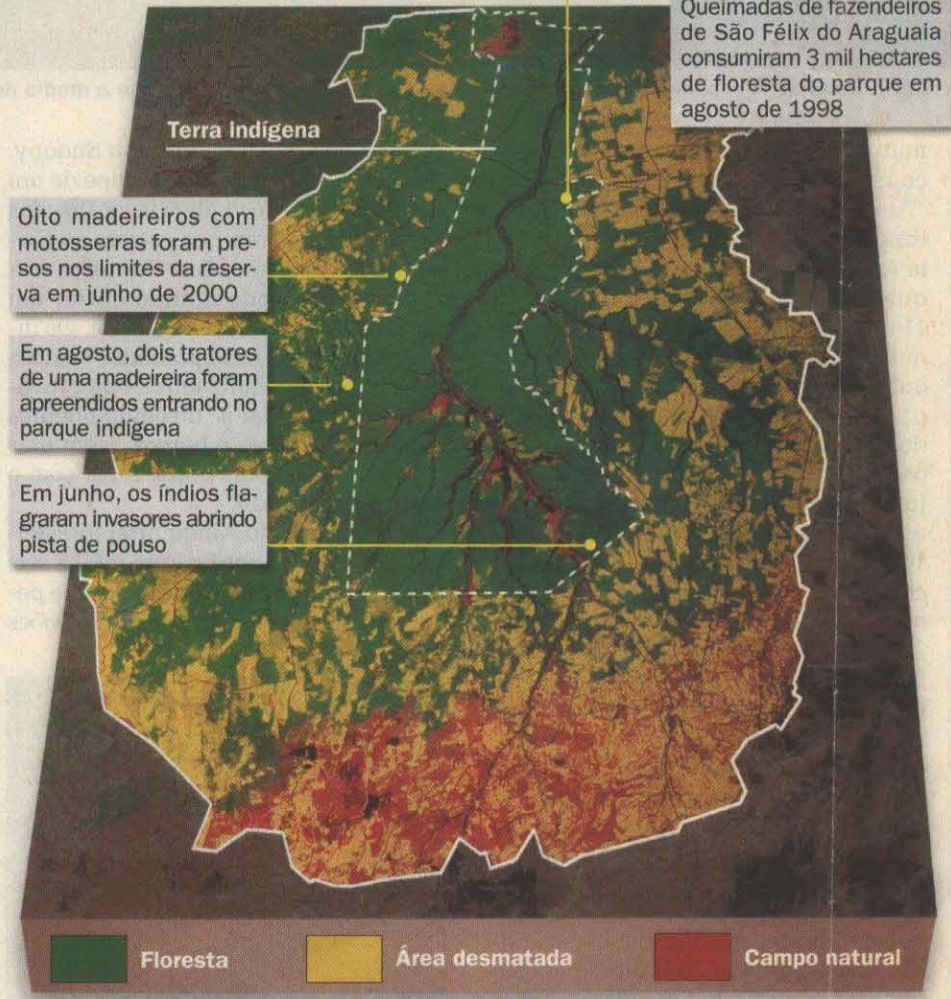
AMPLIDÃO
 A aldeia (na clareira, ao centro) fica perto dos rios, de onde os índios retiram os alimentos e a água que bebem. Mas as nascentes, fora do parque, estão vulneráveis à poluição

MAPA DO PERIGO

A área de 17 milhões de hectares da Bacia do Rio Xingu, em Mato Grosso, já perdeu um quinto da cobertura florestal original. O parque nacional, cercado pela devastação, agora é alvo de invasões



Queimadas de fazendeiros de São Félix do Araguaia consumiram 3 mil hectares de floresta do parque em agosto de 1998



ECOLOGIA

Paraíso confinado

Crescem as invasões do Parque Indígena do Xingu, santuário ecológico cercado pela devastação

ALEXANDRE MANSUR

A devastação cerca o Parque Indígena do Xingu, decantado paraíso de 2,8 milhões de hectares no norte de Mato Grosso, onde vivem 4 mil índios de 14 etnias. Um levantamento feito a partir de imagens de satélite pelo Instituto Socioambiental (ISA), com se-

de em São Paulo, mostra que a floresta perde espaço rapidamente nas cercanias do parque (confira no mapa ao lado). Nos últimos 30 anos, um quinto da cobertura vegetal nativa foi removido por madeireiras, pecuaristas e agricultores. A ameaça agora atinge o coração da reserva, com sucessivas tentativas de invasão do parque por madeireiros.

A extensão do perigo foi avaliada por uma expedição realizada em maio. Uma equipe de 19 fiscais arregimentados na Fundação Nacional do Índio (Funai), no Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (Ibama) e na Polícia Federal percorreu a fronteira sudoeste do parque. É a área mais preservada da Bacia do Rio Xingu, no entanto convive com atividades predatórias. Em 12 dias, os fis-

cais autuaram 32 pessoas, apreenderam seis motosserras e centenas de toras de árvores em 30 serrarias. Para completar a blitz, interditaram as oficinas de seis posseiros e distribuíram R\$ 390 mil em multas. "Há muito mais exploração irregular, que não conseguimos coibir", admite Wagner Tramm, coordenador de Proteção à Terra Indígena da Funai. Com um orçamento anual de R\$ 4,5 milhões para vigiar 580 territórios indígenas no país, a fundação não consegue manter operações regulares no Xingu.

O parque nasceu para ser um marco na demarcação das terras indígenas. Foi criado em 1961 pelo presidente Jânio Quadros, sob orientação dos sertanistas Cláudio e Orlando Villas-Bôas, ►



ATIVIDADES ECONÔMICAS AO REDOR DO PARQUE

GRÃOS
 Ao sul, 1 milhão de hectares de floresta deu lugar à soja e ao arroz. Mais de 20% da devastação ocorreu nos últimos três anos

MADEIRA
 As 210 serrarias da região cortam cerca de 2,6 milhões de metros cúbicos de madeira por ano, a oeste da reserva. Mais de 90% são extraídos de forma predatória

GADO
 Há cerca de 2 mil fazendas no lado leste do parque. Juntas, derrubaram 1 milhão de hectares da mata para criação extensiva de gado



DEMOGRAFIA A população das tribos do Xingu cresce 3% ao ano, mais que a média dos brasileiros graças ao atendimento de saúde

num tempo em que havia pouco espaço reservado para os índios no país. "Até então, a idéia predominante era integrá-los ao mundo dos brancos", conta André Villas Bôas, que dirigiu a pesquisa no ISA. A região, onde viviam 11 tribos, como os jurunas e os suiás, virou um caldeirão étnico em que grupos outrora rivais aprenderam a viver em paz. A reserva recebeu povos ameaçados de outras áreas, como os caiapós, os icpengues e os kaiabis. Índios aculturaram índios, num processo que merece a atenção dos antropólogos brasileiros. "É um absurdo a Funai não conseguir proteger essa reserva", lamenta o coordenador do ISA.

Com tantas atividades estranhas nos limites do parque, é difícil evitar que as invasões ocorram. Não existem cercas nem estradas que contornem a reserva, apenas uma picada quase camuflada pela mata. Há poucos povoados nas redondezas. "É inviável impedir que um grupo de madeireiros, que trabalha a poucos metros do parque, não venha cortar árvores em nossa área", diz Mairawe Kaiabi, presidente da Associação Terra Indígena do Xingu, que reúne as tribos locais. Indignados, os índios estão bloqueando as operações de madeireiras suspeitas. Isso ocorreu no município de Feliz Natal, no norte de Mato Grosso. Os nativos tomaram dois tratores de uma empresa que fazia incur-

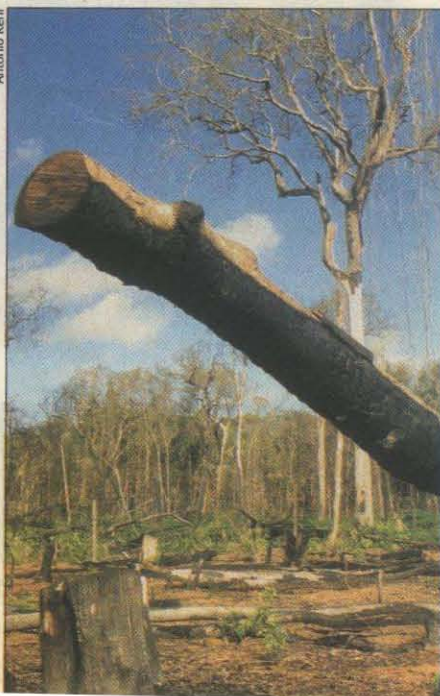
sões na reserva, a madeireira Snoopy. A apreensão foi feita pela equipe de um dos dez postos de vigilância localizados às margens dos rios que correm no parque. "Não podíamos ficar de braços cruzados, vendo todo mundo entrar em nossa terra", justifica-se Kaiabi. Os índios juram que fazem prontidão sem armas. Mas são autorizados a deter invasores e a apropriar-se de equipamentos como motosserras e barcos. Nem eles nem a Funai sabem o que fazer com o material recolhido.

A rica fauna do Xingu atrai forasteiros. Em 1998, tribos fizeram reféns seis pescadores que entraram no parque pelo Rio Arraias. A maioria das expedições

noturnas de pesca passa incólume. Ao sul do parque, onde nascem os rios, há nove pousadas irregulares que atraem ônibus e aviões fretados, repletos de pescadores. Eles disputam os pacus, pintados e tucunarés nas águas que alimentam as tribos. No período de maior movimento, de junho a agosto, os índios vêem minguar os cardumes na reserva. "O turismo predatório cresce sem controle", afirma Wagner Tramm. Em junho, os calapalos apreenderam o trator de um fazendeiro vizinho do parque. Ele era usado para derrubar a mata com o objetivo de fazer um loteamento e abrir uma pista de pouso. O fazendeiro, um gaúcho chamado Hélio Alles, queria vender chácaras nos arredores sem licença ambiental.

Mas o estrago maior é provocado pelos pecuaristas e plantadores de soja de fazendas vizinhas. Desmataram até o limite do parque. "A maioria não respeita a lei, segundo a qual é preciso deixar de pé 80% da mata na propriedade", diz Tramm. Também derrubam a vegetação ao longo dos rios. Há cinco anos, uma operação de dragagem na Fazenda Roncador revolveu tanto o Rio Suiá que os índios tiveram de deixar de pescar da forma tradicional, com arco e flecha. Na geografia da região, o Xingu virou um ralo. Como as nascentes do rio principal e de seus afluentes estão fora das terras indígenas, a poluição externa ao parque, agravada pelos pesticidas usados na agricultura, acaba fluindo para as águas que banham as aldeias. É um triste cenário. ■

Antonio Kehl



DESTRUIÇÃO ANUNCIADA
A retirada de madeira nos limites do parque deixa a reserva vulnerável ao fogo